

Real ainda não se preocupa

SÃO PAULO — O Real, o quarto maior banco privado do país por volumes de depósitos, tem 500 milhões de dólares a receber da dívida externa brasileira. Os juros correspondentes a aproximadamente 37,5 milhões de dólares vencem até o próximo ano e, caso não sejam pagos, o banco terá problemas para apresentar seus balanços referentes a 1988, admite Juarez Soares, vice-presidente do Real.

Somente no primeiro semestre de 1987, o governo terá deixado de pagar juros de 3 milhões de dólares ao Real. E, até o final do ano, a soma chegará a 6 milhões de dólares. Por enquanto, segundo Juarez Soares, a situação ainda não é grave. Apenas em janeiro, um mês antes da decretação da moratória, o governo pagou ao banco quase 30 milhões de dólares.

O vice-presidente do Banco Real tem três razões para tranquilizar seus acionistas. A primeira são os 200 milhões de dólares que o Banco Real tem circulando no exterior e que rendem ao ano 80

milhões de dólares para as agências do Real. A segunda é uma avaliação da conjuntura interna: a situação econômica do país é tão grave atualmente que alguma coisa terá que ser feita para mudá-la. A última é uma questão de sorte, segundo Juarez Soares. As duas maiores vítimas internas da dívida externa contudo são dois bancos estatais: o Banco do Brasil, com 4 bilhões de dólares, e o Banco do Estado de São Paulo, com 1 bilhão de dólares de créditos junto ao governo brasileiro.

Também o presidente do Banespa, Otávio Ceccato, minimiza a importância desse crédito de apropriação duvidosa. Ele apresenta um argumento mais forte: um volume de 3 bilhões de dólares que o Banespa mantém em circulação no exterior. Para Ceccato, o crédito junto ao governo brasileiro é um ativo do banco que ele não sabe quando vai ser realizado, mas não é problema grave, tanto que o Banespa tem sobrevivido sem receber os juros, argumenta.